

Revista a granja

SETEMBRO/2026 - Nº911 - ANO 81 - R\$69,90

Do Campo à Mesa

A CONEXÃO SAGRADA ENTRE A FÉ, A TERRA
E QUEM PRODUZ O PÃO NOSSO DE CADA DIA

ENTREVISTA

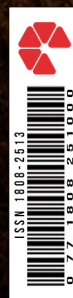
Fernando Lenzi destaca o potencial de expansão da irrigação no Brasil e no RS.

EQUINOCULTURA

Expointer 2026 reuniu Crioulo e Quarto de Milha em tradição, genética, esporte e negócios.

MERCOSUL

Agro do Chaco paraguaio supera clima seco e conquista novos mercados.



Vacinação sem agulhas:
uma nova fronteira na
imunização de suínos



Carmos Triacca

Médico veterinário, produtor rural e empresário, com 30 anos de atuação na suinocultura. É vice-presidente da ABRAGES-GO, CEO da Vet-market Agronegócios e especialista em Ciências Suínolas pela UFU.

Como a tecnologia dos géis comestíveis pode otimizar o tempo, reduzir a demanda por mão de obra e favorecer o bem-estar animal.



Janeiro de 2006 — primeiros testes com vacina oral viva contra a ileíte em Rio Verde (GO).
Foto: arquivo pessoal de Carmos Triacca

Há pouco mais de 20 anos, se eu dissesse que seria possível vacinar mais de mil leitões em pouco mais de 20 minutos, provavelmente me chamariam de louco! Naquela época, falar em vacinação era pensar em agulhas, seringas, aplicadores e contenção individual. Parecia difícil imaginar que, em determinados procedimentos, um dia nem precisaríamos pegar os leitões. Com a chegada da vacinação oral contra a ileíte ao mercado brasileiro, em 2006, esse cenário começou a mudar. A possibilidade de administrar imunizantes pela água de bebida, pela ração ou diretamente na boca dos animais abriu novos caminhos para o manejo sanitário. Mas, especialmente na maternidade, a administração oral individual continuava exigindo tempo, mão de obra e contenção. Quem viveu a suinocultura brasileira nas últimas décadas sabe que já tivemos uma época de mão de obra mais abundante e de contratação relativamente barata. Esse cenário mudou, e muito! Hoje, encontrar e manter colaboradores qualificados é um dos desafios das granjas. Dependendo do porte da unidade e do programa sanitário, a vacinação mobiliza equipes inteiras por horas, entre contenção dos animais e aplicações individuais. Por isso, soluções que simplifiquem manejos e liberem tempo das equipes passaram a fazer diferença. É nesse contexto que a vacinação oral por gel comestível merece ser conhecida.

O que mostram os estudos nos Estados Unidos

O princípio é aproveitar o comportamento dos leitões: um veículo palatável recebe a vacina oral viva compatível e é disponibilizado em locais acessíveis, para que os animais o consumam voluntariamente. O objetivo não é criar uma vacina nova, e sim oferecer outra forma de administrar determinados imunizantes já utilizados nos programas sanitários. Nos Estados Unidos, pesquisadores da Boehringer Ingelheim e da Pipes-

tone avaliaram essa estratégia com vacinas contra Lawsonia intracellularis, agente da ileíte, e Salmonella. Os resultados foram apresentados no IPVS & ESPHM de 2024. Em um dos trabalhos, 2.160 suínos foram distribuídos em quatro grupos: não vacinados; vacinados contra ileíte por gel; vacinados contra ileíte pela água de bebida; e vacinados com duas vacinas orais no mesmo gel. Após o desafio experimental com Lawsonia intracellularis, o ganho médio diário foi de 826 g no grupo controle, 929 g no grupo do gel, 916 g no grupo da água e 920 g no grupo que recebeu as duas vacinas pelo gel. Os três grupos vacinados tiveram desempenho superior ao controle, sem diferença estatisticamente significativa entre as estratégias de vacinação (Nerem et al., 2024). O indicador combinado de mortalidade e remoções também foi menor nos grupos vacinados. Esses resultados sustentam o potencial da via oral por gel, embora venham de condições experimentais específicas e não devam ser automaticamente extrapolados para qualquer formulação comercial. Outro experimento norte-americano, com vacina oral viva contra salmonelose, comparou a administração em gel com a aplicação individual por drencher. Os dois métodos proporcionaram resultados semelhantes nas variáveis avaliadas, com melhores indicadores que os animais não vacinados após o desafio experimental (Nerem et al., 2024).

Vacinação de leitões por
meio de gel comestível

Da preparação da vacina ao consumo voluntário pelos animais.

Reconstituição da vacina oral viva (liofilizada)



Fornecimento do gel vacinal nos comedouros



Preparação do veículo: gel pronto para uso ou em pó solúvel



Consumo voluntário do gel pelos leitões



Incorporação da vacina ao gel e homogeneização



Corante marcador: identificação visual do contato com o gel





Impactos na gestão do tempo, da mão de obra e do bem-estar animal

Quem já acompanhou uma vacinação sabe o trabalho que dá pegar cada leitão, contê-lo e fazer a aplicação. Nas vacinas injetáveis, ainda há o estresse das famosas “agulhadas”. E, conforme o tamanho da granja, são necessárias verdadeiras equipes de vacinadores. Em uma experiência divulgada pela Boehringer Ingelheim nos Estados Unidos, a distribuição do gel vacinal para 48 leitegadas, aproximadamente 578 leitões, levou cerca de três minutos com um equipamento dosador. A administração oral individual desses animais demandaria, segundo estimativa da empresa, pelo menos uma hora de trabalho (Boehringer Ingelheim, 2024). Quando a vacina oral pode ser fornecida dessa maneira, dispensamos a contenção individual nesse procedimento. Menos manipulação, menos agitação e uma rotina mais tranquila para os animais e para a equipe. Não é pouca coisa em granjas que precisam aproveitar cada vez melhor as horas de trabalho disponíveis.

E no Brasil?

Já temos uma alternativa nacional. A American Nutrients, de Teutônia (RS), desenvolveu o American Gelvac, um veículo comestível concebido para estimular o consumo voluntário pelos leitões. O desenvolvimento contou com estudos e avaliações realizados com a participação de profissionais da Boehringer Ingelheim. Segundo a apresentação técnica da empresa, o produto reúne componentes palatáveis, nucleotídeos, eletrólitos, fonte de energia e corante marcador, além de outros ingredientes de sua formulação. O gel pode ser fornecido em comedouros de maternidade e creche, e a marcação auxilia na identificação visual do contato dos animais com o veículo. Ter essa opção produzida no Brasil facilita a discussão sobre sua aplicação à realidade das nossas granjas. Mas não estamos falando do fim das agulhas. As vacinas injetáveis, sobretudo as inativadas, permanecem fundamentais nos programas sanitários. O gel acrescenta uma alternativa de administração para determinadas vacinas orais vivas, conforme as indicações, a compatibilidade e a estabilidade de cada imunizante.

Da preparação ao consumo: o manejo a campo

Na prática, o gel funciona como veículo. Há apresentação líquida pronta para uso e versão em pó solúvel, que requer

preparo conforme as orientações do fabricante. A vacina oral viva, quando liofilizada, deve ser reconstituída segundo sua bula; depois, é incorporada ao gel e homogeneizada em recipiente limpo. A mistura é então distribuída nos comedouros ou no sistema previsto pelo protocolo de vacinação. Na minha vivência a campo, a praticidade foi o que mais me chamou a atenção. Com a equipe orientada e a mistura preparada corretamente, o manejo flui: a gente reduz a contenção, evita a correria de pegar leitão por leitão e ganha tempo na maternidade e na creche. O corante também ajuda a acompanhar o contato dos animais com o gel, embora não substitua a avaliação da execução do protocolo. Há ainda a possibilidade de administrar duas vacinas orais vivas em uma única aplicação. Nos estudos norte-americanos, a combinação das vacinas contra ileite e salmonelose em gel manteve os resultados de eficácia avaliados contra ileite (Nerem et al., 2024). É um ganho operacional interessante, mas não significa que quaisquer vacinas possam ser misturadas: a associação depende de dados de compatibilidade, estabilidade e das orientações dos fabricantes para os produtos e o veículo efetivamente utilizados. Esse cuidado é indispensável. Gel não é vacina; tampouco dispensa o planejamento do programa sanitário e a supervisão do médico-veterinário responsável.

O que vem pela frente

A vacinação por gel é mais um exemplo de como a tecnologia pode mudar o modo de fazer aquilo que já conhecemos. Não veio aposentar as agulhas, mas abrir caminho para um manejo mais prático nos protocolos em que a via oral é indicada. Há 20 anos, eu não imaginava acompanhar um procedimento assim dentro da maternidade. Hoje, ele está diante dos nossos olhos. E quantos outros manejos que consideramos indispensáveis poderão ser feitos de outro jeito nos próximos anos? O futuro da suinocultura também passa por isso: incorporar conhecimento, adaptar processos e trabalhar cada vez mais com inteligência e menos com força bruta. Porque quem não evolui junto com a suinocultura corre o risco de ficar para trás!

Bons grunhidos e viva os bichinhos do pé rachado!